



O VISÍVEL E O INVISÍVEL: A paisagem arqueológica da morte em São
Cristóvão e Laranjeiras – SE

*LE VISIBLE ET LE INVISIBLE : Le paysage archéologique de la mort en
São Cristóvão et Laranjeiras – SE*

*THE VISIBLE AND THE INVISIBLE: The death archeological landscape
in São Cristóvão and Laranjeiras – SE*

Solimar G. Messias Bonjardim
Doutoranda em Geografia - NPGE0
Universidade Federal de Sergipe
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos",
Av. Marechal Rondon, s/n CEP 49100-000
São Cristóvão - Sergipe
E-mail: solmessias@yahoo.com.br

Profa. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas
Núcleo de Pós Graduação em Geografia
Universidade Federal de Sergipe
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos",
Av. Marechal Rondon, s/n CEP 49100-000
São Cristóvão - Sergipe
E-mail: amundim@infonet.com.br

Resumo

O presente estudo tem por objetivo a caracterização da paisagem arqueológica da morte nas cidades setecentistas de São Cristóvão e Laranjeiras em Sergipe, utilizando as rugosidades e o que elas representam para a identificação dos antigos e atuais territórios da morte. Para realizar esse estudo utilizou-se a representação e a história como método de caracterização, uma análise totalmente qualitativa. Dessa forma, a premissa inicial é de que a morte formava uma paisagem dominante nas cidades a partir da sua relação direta com a religião católica. Nos dias atuais, as cidades que guardam vestígios dessa paisagem, como São Cristóvão e Laranjeiras em Sergipe, comportam uma leitura arqueológica. Analisando as rugosidades formadoras das paisagens da morte, percebe-se como no passado a representação da morte estava presente no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, avaliou-se que existe uma paisagem da morte nestas cidades setecentistas, formada por rugosidades visíveis e outras invisíveis. As visíveis são constituídas pelas Igrejas, lápides e cemitérios ainda existentes. As invisíveis englobam tudo que está encoberto ou que foi re-significado como as lápides, cemitérios e rituais.

Palavras-chave: paisagem arqueológica, território da morte, São Cristóvão, Laranjeiras, Sergipe.



Résumé

Cette étude vise à caractériser le paysage archéologique de la mort dans les villes du XVIII^e siècle, de São Cristóvão et Laranjeiras en Sergipe, en utilisant les rugosités et ce qu'ils représentent pour l'identification des territoires actuels et anciens de la mort. Pour effectuer cette étude, nous avons utilisé la représentation et l'histoire comme une méthode de caractérisation, une analyse entièrement qualitative. Ainsi, la prémisse initiale est que la mort serait un paysage dominant dans les villes de sa relation directe avec la religion catholique. Aujourd'hui, les villes qui gardent trace de ce paysage, comme São Cristóvão et Laranjeiras, inclure une lecture archéologique. Analyse les rugosités formant le paysage de la mort, nous percevons le passé que la représentation de la mort était présente dans la vie quotidienne. En ce sens, il a estimé qu'il y est un paysage de mort dans ces villes du XVIII^e siècle, formé par des rugosité visibles et d'autres invisibles. Le visible est constitué d'églises, de monuments funéraires et des cimetières existent toujours. Invisible englober tout ce qui est caché ou a été redéfini comme les pierres tombales, des cimetières et des rituels.

Mots-clés: paysage archéologique, territoire de la mort, São Cristóvão, Laranjeiras, Sergipe.

Abstract

This paper aimed to characterize the death archeological landscape in the eighteenth century towns of São Cristóvão and Laranjeiras in Sergipe state, by using the roughness for the identification of old and contemporary territories of the death. In order to carry out the study, the representation and the history information were employed as characterization methods, with a qualitative analytical approach. Therefore, the initial premise proclaims that the death led to the formation of a dominant landscape in the towns by means of its relationship with the catholic religion. Currently, towns that preserve traces of such landscapes, as São Cristóvão and Laranjeiras, are liable to archeological studies. By analyzing the death roughness, it was recognize that, during the past, the representation of death was daily present in the people's life. Thus, it was inferred that there is a death landscape in these eighteenth century towns created by visible and invisible roughness. The visible ones are constituted by still existent Churches, tombstones, and cemeteries. The invisible ones are represented by everything that is covered or was reinterpreted as tombstones, cemeteries, and rituals.

Keywords: archeological landscape, death territory, São Cristóvão, Laranjeiras, Sergipe.

Introdução

A paisagem é uma estrutura visível, na qual a mensagem que nela se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, das crenças dos homens e de sua busca de significação.
(ROSENDAHL, 2003, p. 215)



A paisagem de uma cidade nos diz muito sobre sua história, os templos, monumentos nos contam em imagens o que um dia aconteceu num determinado espaço. Para o estudo de uma sociedade, é necessário através da percepção, entender o espaço, seu simbolismo atual. Nesse sentido, este artigo tem como objeto de estudo a paisagem de cidades setecentistas, que nos instigou a desvelar a caracterização do espaço arqueológico da morte, bem como identificar os antigos e atuais territórios da morte existentes no interior e nos arredores dos templos católicos. Para o desenrolar desse estudo utilizou-se a representação e a história como método de caracterização, uma análise totalmente qualitativa. Para a caracterização do antigo território da morte optou-se pela análise das paisagens das cidades setecentistas de São Cristóvão e Laranjeiras, no estado de Sergipe. A análise foi feita através da observação das paisagens e entrevistas com moradores dessas cidades, bem como com os frequentadores e gestores dos templos.

Ao analisar o processo de formação espacial, a paisagem revela-se um importante instrumento de entendimento da construção dos núcleos urbanos e rurais, visto que os espaços que atualmente fazem parte da comunidade refletem as rugosidades da organização espacial dos primeiros séculos do povoamento, pois as paisagens refletem transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados (TROLL, 1997).

As paisagens observadas foram construídas nos séculos XVII e XVIII, época em que a morte criava um território próprio, sendo a paisagem dominante as igrejas com cemitérios ao redor em locais de destaque na cidade. Com a reorganização do território, atualmente, as cidades com esse tipo de paisagem, segundo Claval (1998, p. 37), precisam ter uma leitura arqueológica.

Mas o que é paisagem dominante e o que é paisagem arqueológica? Para Cosgrove (1998), toda paisagem pode ser classificada, de acordo com seu simbolismo. Ele define como paisagens dominantes as que dominam certo espaço, a estrutura de poder de certa época, baseada objetivamente nos meios de vida de uma população e sua cultura, ou seja, a paisagem do grupo dominante impõe poder sobre outros, em todos os meios de vida, conformando a paisagem da cultura dominante. Deve-se explicitar que



cada cidade e cada cultura têm sua paisagem dominante¹, composta de signos que fazem sentido para os habitantes do local numa determinada época.

Já as paisagens arqueológicas, para Claval (1998), são aquelas que foram dominantes em alguma época e tinham significado específico, ou seja, paisagens que ainda existem, em alguns locais são dominantes, todavia não fazem mais sentido, não pertencem mais a cultura dominante. Com os constantes movimentos dos espaços, a disjunção espaço-representação põe fim ao território e, conseqüentemente, à territorialidade, que acaba deixando rugosidades numa paisagem que será conhecida como arqueológica. Para se entender uma paisagem, se ela é dominante ou arqueológica é necessário olhar os aspectos culturais de uma localidade. Nesse sentido, em relação às igrejas que dominam a paisagem de várias cidades antigas, pode-se dizer que “muitos elementos da paisagem pouco têm de seu significado original (...). O papel da igreja (...) na vida contemporânea não pode em sentido algum (...) ser visto como dominante” (COSGROVE, 1998, p. 118).

Então, arqueológica é a paisagem que ainda existe em determinados locais, porém não domina mais enquanto símbolo do grupo dominante. Sem o significado, o que restou foram as rugosidades. Santos (1997, p. 55) afirma que as rugosidades das paisagens têm que ser estudadas como uma escavação, ou seja, o estudo das paisagens pode ser associado a uma escavação arqueológica, cheia de camadas de formas provenientes de tempos pregressos. Assim posto, a paisagem da morte consiste no estudo de um território arqueológico, dos signos de uma época pretérita. Isto é, as formas-estruturas de outro tempo que perderam sua função primária e permanecem existentes no espaço podem ser caracterizadas como rugosidades.

Godoy (2004, p. 34) explica que as rugosidades são as formas espaciais do passado produzidas em momentos distintos, com características sócio-culturais específicas, isto é, constituem-se em elementos do espaço que podem ser periodizadas. As rugosidades são formas que restaram de um espaço que sofreu uma desconstrução ou uma nova organização. A mudança de função mostra que naquele lugar existe uma rugosidade, uma estrutura construída para determinado fim, que hoje serve para outro processo, isto é, tem outra função, embora conserve a mesma forma.

¹ O espaço, de todas as cidades habitadas ou colonizadas por estados católicos, era organizado da mesma maneira, sempre tendo a Igreja num local de destaque – como símbolo de poder.



Por outro lado, a descrição das mudanças na organização do espaço não é feita somente com base nas rugosidades, mas também nas transformações do espaço que não deixaram vestígios visíveis. Por exemplo, a Igreja Católica, na Era Medieval, transformou o entorno dos templos em espaço sagrado, através de incontáveis rituais, ritos e cerimônias que realizava; tudo estava atrelado ao seu poder, ao sagrado. A representação do sagrado era o espaço simbólico, isto é, o sagrado era representado pelos signos presentes no espaço que remetiam à religião². Na construção do espaço sagrado, a Igreja criava também representações que, no decorrer do tempo, se territorializaram e desterritorializaram, sempre deixando rugosidades nas paisagens.

Com a proibição dos enterros santos³ no interior e no arredor dos templos, as rugosidades apareceram. O enfraquecimento das atividades de apropriação simbólica acaba gerando rugosidades, isto é, deixando as paisagens sem a representação anterior, sem a função de outrora. Essa modificação leva à (re)-organização do espaço, mantendo as formas anteriores e induzindo as sociedades futuras a uma nova representação que irá constituir outro significado às paisagens.

As paisagens da morte

A paisagem das cidades sergipanas é semelhante a muitas outras do Brasil, isto é, nas cidades do menor estado do país encontram-se presentes aspectos modernos e também rugosidades de tempos regressos.

O Estado de Sergipe começou a ser colonizado na segunda metade do século XVI, principalmente pela necessidade que se impunha aos portugueses de uma ligação por terra entre o território que hoje é o estado de Pernambuco e a antiga capital da colônia Bahia (SANTANA, 2003). Naquela época, muitos dos contatos com os nativos eram feitos pelos jesuítas com o intuito de catequizar e domesticar e, no território de Sergipe, isso não foi diferente. Conhecido como território de índios ferozes, algumas missões vieram para fazer contato e catequizar os nativos.

² Para maiores esclarecimentos sobre a espacialidade das representações do sagrado consultar Gil Filho (2008 e 2005).

³ É chamado enterramento santo o que acontece no interior ou ao redor da Igreja com o intuito do morto ser protegido por relíquias de santos ali presentes ou os que acontecem no templo pela proximidade das orações e da salvação.

Contudo, a colonização efetiva inicia-se somente a partir de 1590, com a conquista do território por Cristóvão de Barros: vilas e povoados foram fundados, as terras distribuídas, a população iniciada. Tudo feito aos moldes dos colonizadores portugueses, que mantêm, como na maior parte da Europa, o Estado atrelado à religião católica. Então, quando se inicia a ocupação do Brasil, não só as leis e regras do Rei de Portugal acompanham a colonização, mas também as leis e regras da Igreja Católica.

Por isso, ao mesmo tempo em que numa cidade é construído o poder do Estado, é também construído o poder de 'Deus', na figura de seus representantes na terra: os padres, bispos, missionários de várias ordens distintas, criando nas cidades brasileiras uma paisagem próxima à de Portugal.

As cidades desse período eram construídas, preferencialmente, próximas a rios, o melhor meio de circulação da época. Nas partes altas da povoação estavam localizados os poderes da Igreja e do Estado e ainda a residência dos mais abastados. Na parte baixa, localizava-se a moradia dos menos afortunados, juntamente com o comércio. Como existiam várias ordens religiosas, as igrejas e capelas edificadas marcaram a paisagem das cidades e até mesmo do espaço rural, pois os senhores construía próximo às sedes capelas senão para o dia-a-dia, para a guarda de seus restos, na morte.

Esse modelo de ocupação foi acompanhado de um mesmo padrão de construção, conformando uma paisagem comum à época. A produção do espaço em Sergipe enquadrou-se nesse modelo. Assim, São Cristóvão, sua capital política, e Laranjeiras, seu centro comercial, foram construídas com as bases dos poderes da época: Real e Cristão. Com a ruptura do Estado com a religião, as paisagens perderam sua função primordial e com o passar do tempo adquiriram outras, transformando as antigas representações dos territórios sagrados em rugosidades. Com o fim do enterro atrelado a Igreja, a morte foi desterritorializada dos templos e se reterritorializou em novos espaços. Os signos que restam hoje se transformaram em rugosidades e juntos formam uma paisagem arqueológica, não somente os signos visíveis como também os invisíveis.

Em ambas, a área central (da cidade) apresenta-se bastante preservada, mostrando-nos uma paisagem repleta de igrejas, mosteiros, mas também de signos arqueológicos da morte.

São Cristóvão

A cidade de São Cristóvão, localizada a 25 quilômetros da capital, no sudoeste do estado, foi fundada por Cristóvão de Barros, em 1590 e se tornou a primeira cidade de Sergipe.

Os religiosos, responsáveis pela paisagem que existe hoje na cidade, estão presentes desde sua ocupação. Os jesuítas chegaram primeiro, em 1597, seguidos pelos beneditinos e pelos carmelitas, em 1618. Por isso, pode-se afirmar que é predominantemente uma cidade em que as funções religiosas, administrativas e residenciais são preponderantes, ocupando o comércio uma posição de menor destaque. Na sua fundação, a cidade recebeu o título de capital sergipana, concentrando o poder civil e religioso até 1855, quando aconteceu a transferência da capital para Aracaju.

A paisagem de São Cristóvão é típica do período colonial brasileiro, plena de rugosidades de um tempo que não existe mais: a parte antiga da cidade está localizada no topo de uma colina, com muitas igrejas, casarões antigos, ruas estreitas, largos e ladeiras. Essa cidade se desenvolveu segundo o modelo urbano português, em dois planos: a cidade alta, com a sede do poder civil e religioso, além dos casarões da aristocracia da época, e a cidade baixa, com o porto, as fábricas e a população de baixa renda.

No que diz respeito ao sagrado, à fé e aos ritos de seus habitantes, a cidade faz jus a um sistema religioso tradicional da época. A área antiga da cidade conta com seis Igrejas (Figura 01): Igreja São Francisco, com o convento dos franciscanos e a Igreja da Ordem Terceira dos franciscanos, em anexo; a Igreja da Visitação, com o antigo hospital também em anexo – hoje Lar Imaculada Conceição; Matriz Nossa Senhora da Vitória; Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; Igreja Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos e a Igreja Nossa Senhora do Carmo que possui em anexo a Igreja Ordem Terceira do Carmo, também conhecida como Igreja Senhor dos Passos, além do convento do Carmo. Existem ainda outras igrejas antigas localizadas na área rural, em propriedade particular, porém encontram-se abandonadas. As igrejas da cidade alta e suas torres são prontamente visualizadas quando o viajante se aproxima da sede, seja pela Rodovia João Bebe Água, seja pelo acesso da BR 101.

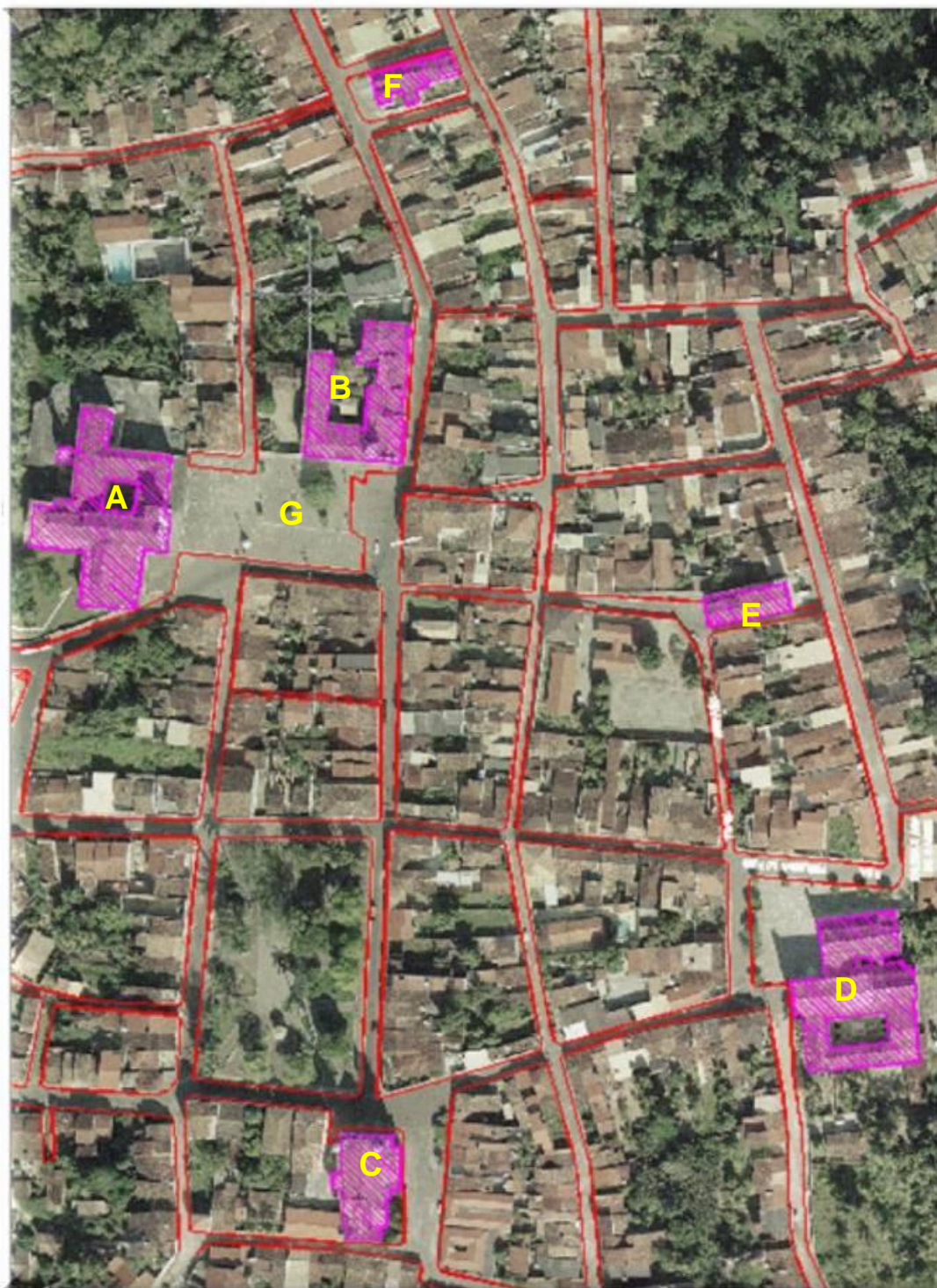


Figura 1: Distribuição dos templos Católicos em São Cristóvão.

A – Igreja e Convento Santa Cruz (Igreja de São Francisco, Igreja Ordem Terceira dos Franciscanos e Convento), B – Igreja da Visitação e Santa Casa de Misericórdia, C – Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, D – Igreja e Convento do Carmo, E – Igreja Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, F – Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, G – Largo de São Francisco. (Elaborado por: José Antônio Pacheco de Almeida, 2009).

Em relação à paisagem da morte, as igrejas da cidade abrigam até os dias atuais várias lápides, signos de que um dia ali existiu um território da morte. Todavia, a maioria foi retirada nas sucessivas reformas que enfrentaram. Os cemitérios que se encontravam ao redor das igrejas também foram destruídos com a urbanização, dando espaço para casas, ruas, jardins. Sobre eles, há relatos de moradores que ao reformarem suas casas, sobretudo os encanamentos, depararam com ossadas e lápides.

A cidade perdeu, de fato, o título de capital do Estado de Sergipe e os prédios do Estado Real, junto com os prédios religiosos, perderam sua função, mantendo somente a forma de outrora. As igrejas continuam a funcionar, algumas como espaço expositivo, outras ainda com missas regularmente. A cidade lembra muito o modelo colonial, por causa das casas e igrejas, da largura das ruas, da clara divisão entre a parte alta e a parte baixa. A cidade alta é tombada pelo Patrimônio Histórico, onde não se pode reformar ou reconstruir sem a autorização prévia do órgão responsável, o IPHAN. Muitos são os edifícios tombados, alguns funcionam como museus, outros como órgãos da Prefeitura, outros ainda são casas de famílias. Os moradores, tanto dos casarões quanto das casas mais populares, embora continuem neles, não podem modificar a casa, principalmente a fachada. Tal situação contribui para a apreensão de uma paisagem arqueológica e a fácil identificação de rugosidades.

Com relação às rugosidades que abrigaram a morte, as Igrejas, percebe-se que os templos com vestígios de enterramentos internos e nos arredores encontram-se relativamente próximos uns dos outros. O maior é o largo de São Francisco, pela forte presença de ordens religiosas, pela compleição de dois templos e dois conventos: Igreja e Convento Santa Cruz, conhecido como São Francisco e Igreja da Visitação com a Santa Casa de Misericórdia em anexo.

Durante o trabalho de observação (julho-agosto 2008), o largo de São Francisco foi objeto de manchete nos veículos de comunicação local, pois, com a instalação da rede de energia subterrânea, foram encontrados restos de enterramentos humanos, porém ainda sem a data exata. Independente da datação são vestígios que provam os enterramentos nesse espaço de São Cristóvão. O largo citado é um lugar amplo, uma grande praça em que, segundo os moradores, havia a força. É uma grande representação do poder religioso e civil, um local onde no centro localiza-se um cruzeiro.

Outro aspecto a salientar consiste nas características próprias das igrejas de São Cristóvão. O Complexo de São Francisco começou a ser construído no século XVII e teve seu terreno doado pelo Sargento-mor Bernardo Correa Leitão, através de escritura emitida em 1659 (IPHAN, Livro de tombo, 1941). Embora em 1659 tivessem sido iniciadas as obras do convento e da igrejinha, só em 1693 seria lançada a primeira pedra do convento, com as obras concluídas somente no século seguinte. Segundo Romão (2007), esse complexo franciscano segue o modelo instalado em todo o Brasil: o convento, a igreja principal e a Ordem Terceira, em anexo, onde hoje está localizado o Museu de Arte Sacra.

A Igreja de São Francisco atualmente não apresenta lápides no seu interior. Na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, encontram-se quatro sepulturas em frente ao altar (Figura 02), sendo que uma foi retirada ou quebrada com o tempo e hoje apresenta um acabamento em cimento grosseiro, cobrindo a lápide. Contém também uma sala com dez túmulos sobrepostos, sendo um aberto e nove fechados e, apenas um com lápide de identificação. A sala conta, ainda, com um ossuário, com oito compartimentos individuais, dois fechados e os outros abertos.

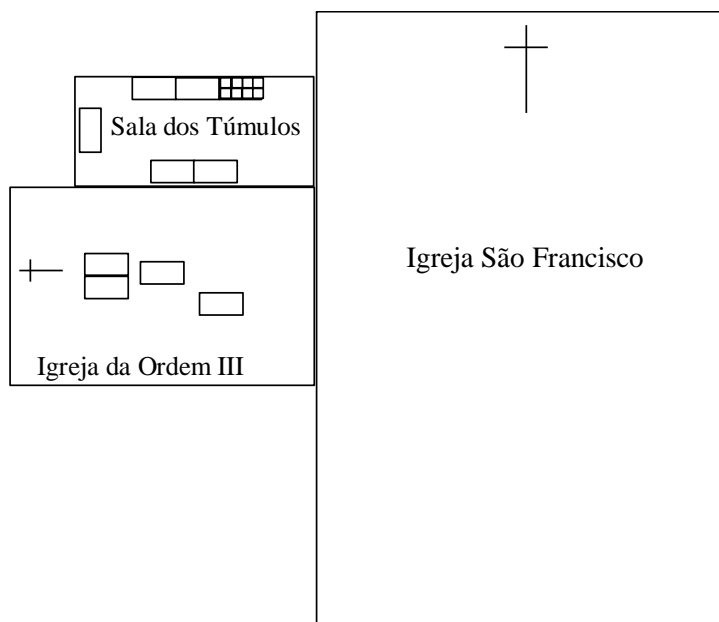


Figura 2: Representação da Igreja e Convento Santa Cruz (Igreja São Francisco e seus anexos

Letra A da figura 01). Situação das lápides na Igreja da Ordem III e na sala dos túmulos – São Cristóvão. (Elaborado por: Solimar G. M. Bonjardim, 2008).

Com relação aos enterramentos no templo de oração, o zelador do convento e da Igreja São Francisco informou que, embora não apresente vestígio em função das reformas que aconteceram, o interior da Igreja São Francisco possuía lápides, conforme depoimento dado a ele por uma senhora já falecida, que contou ter a família enterrada na Igreja.

Na lateral direita do Largo de São Francisco, encontra-se a Igreja da Visitação ou da Misericórdia, anexa à antiga Santa Casa da Misericórdia. As terras foram doadas à Irmandade da Misericórdia, em 1608. Segundo Romão (2007), esse complexo foi construído somente em 1690. Atualmente não funciona mais como hospital, mas como uma creche-escola, chamada 'Lar Imaculada Conceição', por pertencer às freiras da Imaculada Conceição.

A Igreja foi fechada há algum tempo para reforma; no momento, é utilizada como refeitório das crianças que frequentam o Lar. Apesar de não ter no seu interior nenhum túmulo, a freira mais antiga do local informou que quando ela chegou existiam algumas lápides, encobertas pelas várias reformas das quais não se lembra das datas. No fundo do antigo hospital, onde hoje existe um jardim, havia um pequeno cemitério, onde se enterravam freiras da Irmandade. A freira informou, ainda, a existência de um cemitério popular da antiga Santa Casa de Misericórdia que funcionava ali, mas que não sabia a exata localização. Por conseguinte, enquanto era realizada a presente pesquisa, a igreja e seu entorno estavam em reforma e em sua fachada frontal foram encontradas duas ossadas.

Em outra praça da cidade, localiza-se a Matriz Nossa Senhora da Vitória. Documentos do IPHAN atestam que essa Igreja é o primeiro edifício religioso erguido na cidade, em 1608, por ordem do Rei Felipe da Espanha para ser sede do poder episcopal, na época da União Ibérica. Foi a partir de sua construção que o traçado urbano da cidade começou a ser estabelecido, como marco zero do antigo espaço urbano. É nessa praça que se encontra, na atualidade, o poder civil, representado pelos principais órgãos da Prefeitura Municipal. Assim o poder deslocou-se da Praça de São Francisco para a Praça da Matriz, a mais antiga do lugar.

Essa Igreja mantém suas funções originais até a atualidade. No seu interior encontram-se outras lápides preservadas, mas não no piso ou local original. Foram identificadas doze lápides: cinco no altar-mor, três na capela lateral, duas em janelas e

duas encostadas na lateral da igreja. Uma moradora informou que existiam muitas lápides no interior e na sacristia, embora não soubesse precisar a data em que “desapareceram”. Antigamente essa Igreja também possuía um cemitério na lateral e nos fundos, locais em que hoje se localizam casas e um largo. Vale ressaltar que mesmo não existindo mais o cemitério, sua representação continua, pois os moradores da cidade sabem identificá-lo e para esses o local remete à lembrança do cemitério.



Figura 3 :Igreja da Ordem III (Igreja menor), do Claustro (Três janelas entre ambas as Igrejas), da Igreja Nossa Senhora do Carmo (Maior) e do convento anexo a essa (que aparece somente o muro) – São Cristóvão.

Foto: Solimar G. M. Bonjardim, 2008.

Outro complexo, construído pelos carmelitas (figura 03), localiza-se na parte alta da cidade com ampla vista para o rio Paramopama, antigo porto de mercadorias, ainda em uso pelos pescadores locais. Esse complexo é constituído por duas igrejas: Nossa Senhora do Carmo, pertencente aos Carmelitas ordenados e a menor, Ordem Terceira do Carmo, aos leigos, além de um convento, um claustro entre as duas igrejas e, ainda, um vasto terreno utilizado para plantações e criação de animais. Embora construído pelos carmelitas, outras ordens já o administraram até que, em 2002 essa ordem reassumiu o espaço. Segundo estudo da UFBA (1980), os Carmelitas chegaram ao local em 1618 e iniciaram a construção do complexo nos fins do século XVII, terminando no século XVIII. A primeira a ser erguida foi a Igreja Nossa Senhora do Carmo, enquanto que a

Igreja da Ordem Terceira foi construída em 1739, em posição recuada do alinhamento do convento e da Igreja, posicionadas de forma que durante o dia uma faz sombra à outra, deixando a impressão de superioridade da maior sobre a menor.

A Igreja anexa ao convento Nossa Senhora do Carmo, por ter passado por muitas Ordens, foi há muito descaracterizada. O altar-mor desapareceu e o piso não é mais original. O atual gestor do complexo, não soube informar quando isso aconteceu. No seu interior, encontra-se apenas uma lápide de 1900. A Igreja da Ordem Terceira do Carmo ou Senhor dos Passos (como é conhecida) é a Igreja dos ex-votos. No seu interior, encontram-se quatro lápides, todas muito próximas ao altar. O Claustro, entre as duas igrejas, não tem mais a mesma função. Hoje é o local onde estão em exposição todos os ex-votos levados à Igreja do Senhor dos Passos. Neste local, numa recente reforma do piso, foi descoberta a base de uma antiga capela. Quando retirado o piso da capela, foram encontradas lápides. O cemitério que existiu ao redor desse complexo não foi identificado pelos entrevistados.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e Igreja Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos não possuem convento. Diferentemente das anteriores, elas foram construídas pelos negros e pelos pardos respectivamente, pois antigamente as igrejas discriminavam as pessoas pela classe social e cor da pele. De acordo com Oliveira e Meneses (2007), existiam em São Cristóvão associações religiosas para brancos, pardos e pretos. Os brancos, representantes da elite local, compunham as irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Vitória, da Ordem Terceira do Carmo e da Ordem Terceira de São Francisco. Os pardos reuniam-se na irmandade dedicada a Nossa Senhora do Amparo, enquanto que os pretos se associavam à irmandade que tinha como padroeira Nossa Senhora do Rosário.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construída no século XVII⁴ está localizada numa rua lateral à Igreja do Hospital, a apenas um quarteirão desta. Conforme Oliveira e Meneses (2007), sua posição na cidade simboliza o espaço que os pretos ocupavam na sociedade, ou seja, à margem do núcleo central. Na região central de São Cristóvão, está localizada a Igreja Nossa Senhora da Vitória que abrigava as irmandades erigidas pela elite. Os templos, outrora ocupados por pardos e

⁴ De acordo com Nunes (1996, p. 254), a construção do edifício iniciou-se em 1746, porém Oliveira e Meneses (2007) encontraram o ano de 1686, numa cópia do compromisso de 28 de abril de 1860, como início das obras.

pretos, situam-se em espaços periféricos, onde estão localizadas as Igrejas de Nossa Senhora do Amparo e Nossa Senhora do Rosário.

No seu interior, encontram-se dois sepultamentos, um na frente do altar e outro na sacristia, embora as pessoas não notem nenhum deles. A sacristia é utilizada como depósito de roupas de danças folclóricas e, a lápide que se encontra no altar está parcialmente coberta pelo quadrado onde fica o padre durante as missas, sinalizando a perda de representatividade dela. Segundo a Freira responsável pelo local, devem ter existido mais sepultamentos no interior e outros no quintal da Igreja, em toda sua volta, pois o terreno dela abrangia todo o entorno, onde hoje estão casas.

A construção da Igreja Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos foi iniciada durante o Brasil colonial, no ano de 1690, e terminada somente no início do século XVIII. Está localizada a um quarteirão e meio da Igreja do Carmo e a dois quarteirões da Praça São Francisco, precisamente com os fundos voltados para a Igreja São Francisco. De acordo com Romão (2007) sua localização permitiu a formação de um novo eixo de crescimento da cidade. A igreja era sede da Irmandade do Amparo dos Homens Pardos, formada somente por homens.

Com a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju, essa Igreja perdeu muitos de seus membros, e ficou fechada por oitenta anos. Nesse período, funcionou como marcenaria e depois, floricultura. A reabertura veio com uma reforma e reconstrução da parte interna na década de oitenta.

Nos dias atuais, essa Igreja não possui nenhum sinal de enterramento interno, porém, numa foto antiga (pendurada na parede do templo) da época do abandono, percebem-se sepulturas no chão. Com o tempo devem ter sido quebradas e, na reforma para a reabertura, acabaram ficando abaixo do piso atual. Na parte de trás, foi localizado o cemitério da igreja e, segundo informações dos moradores, foi destruído em 1920. Na atualidade, neste local há uma rua, casas e escolas, sendo que poucos lembram que ali existia um cemitério.

Laranjeiras

Na cidade de Laranjeiras a paisagem não é muito diferente. A cidade está localizada na região leste do estado, a 18 quilômetros da capital. Laranjeiras se formou logo após a conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros, em 1590, quando alguns

colonos foram para a região. Instalaram-se à beira do Rio Cotinguiba, construíram um porto para fácil acesso a outras localidades e denominaram o lugar de Porto das Laranjas. De início o local não passava de uma pequena povoação, que começou a ganhar importância com as doações de sesmarias na região e com crescente desenvolvimento da cana-de-açúcar. Desse porto construído, escoava-se toda a produção e por ele chegavam escravos e produtos comprados pelos senhores de engenho. Assim, a vila começou a ganhar prosperidade com os principais produtos exportados de Sergipe passando por esse porto. Os senhores de engenho construíram na localidade seus casarões, barracões de armazenamento, denominados trapiches. Na mesma época, começou a se realizar ao lado do porto uma famosa feira que abastecia toda a região, atraindo pessoas não somente de Laranjeiras, mas também de vilas vizinhas. Esse desenvolvimento econômico acabou por fixar nesse núcleo urbano uma população crescente tanto de comerciantes, quanto de intelectuais.

Os templos católicos começaram a ser edificadas com os jesuítas que construíram, em 1701, uma Igreja denominada “Santo Antônio e Nossa Senhora das Neves”, com um convento em anexo, nomeando o complexo de Retiro pelo sossego da localidade, hoje distante da área urbana. Esse edifício, atualmente de propriedade da fábrica de cimento Votorantim, é um bem tombado, mas sem uso. Os jesuítas também edificaram, em 1730, a Igreja de Nossa Senhora Conceição da Comandaroba, num dos pontos mais altos do povoado, a alguns quilômetros distante da primeira. Com o decorrer dos anos, outras igrejas vieram a compor a paisagem de Laranjeiras.

As igrejas construídas nessa época, principalmente as dos engenhos, encontram-se abandonadas nas propriedades particulares, total ou parcialmente destruídas, juntamente com seus cemitérios, a exemplo da Igreja Jesus, Maria e José, Igreja Manilha, Gamelera, São Pedro, entre outras. As igrejas localizadas na cidade resistiram ao tempo. No interior delas, ainda se encontram sepultamentos antigos, embora os cemitérios que existiam ao redor dos templos foram todos demolidos, dando lugar a ruas, praças, jardins e casas.

Nesse sentido, a cidade seguiu o padrão de implantação das cidades brasileiras do século XVII com uma capela no centro do arraial ao redor da qual foram sendo desenvolvidas atividades mercantis. A paisagem incorpora, também, igrejas antigas na área rural de Laranjeiras e nas colinas que circundam o centro da cidade.



Figura 4 - Distribuição dos templos católicos em Laranjeiras, inserindo a Igreja da Comandaroba. Distante três quilômetros do centro urbano. A – Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, B – Igreja Senhor do Bonfim, C – Igreja Nossa da Conceição dos Pardos, D – Igreja São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, E – Igreja Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, F – Cemitério atual. (Elaborado por: José Antônio Pacheco de Almeida, 2009).

Diferentemente de São Cristóvão, a cidade de Laranjeiras fica entre diversas colinas, que abrigam igrejas visíveis em toda a cidade (Figura 04). As igrejas posicionadas nos topos das colinas são: Igreja Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, Senhor do Bomfim, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em terreno plano do núcleo urbano, se encontram a Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Pardos e a Matriz Sagrado Coração de Jesus. Tal como em São Cristóvão, a espacialidade da morte na cidade de Laranjeiras encontra-se, principalmente, dentro das igrejas, com vestígios ao redor, distinguindo-se, sobretudo pela ausência de construções com anexos de ordens religiosas.

Essa cidade, antigo centro de desenvolvimento e riqueza, abrigou um número muito grande de intelectuais, o que lhe rendeu o título de Atenas Sergipana. Por toda sua importância cultural e econômica, a cidade abriga inúmeros casarões e igrejas com arquitetura barroca e de estilo neoclássico que hoje perderam sua função, somente mantendo a forma, transformados em rugosidades de uma antiga paisagem dominante, hoje vazia de significado.

Por isso, a paisagem de Laranjeiras está repleta de rugosidades. Olhar essa paisagem, com suas igrejas barrocas, ruas estreitas, calçamento pé-de-moleque é uma verdadeira viagem no tempo, como se toda a população estivesse num espaço antigo, ainda território de poder da Igreja. As rugosidades nesta cidade estão por todos os cantos; mesmo deterioradas pelo tempo, elas nos permitem reconhecer outra época.

A Matriz Sagrado Coração de Jesus, construída no século XVIII, foi a primeira dedicada ao Coração de Jesus. Essa era a sede da aristocrática Irmandade do Santíssimo Sacramento, construída pelo Padre Bonnuci da ordem jesuítica. Ela se localiza em ponto mais alto que a Rua do Comércio e o Porto, bem no centro da cidade. Dentro desse templo, na atualidade, encontra-se, próximo ao altar, apenas uma lápide do padre Philadelpho Jonathas de Oliveira, enterrado no ano de 1978.

No entanto, os livros de Movimento da Igreja dão conta da ocorrência de enterramentos em seu interior e no pátio externo, assim como de várias reformas, dentre elas a substituição do piso que encobriu os vestígios dessa prática. Com base nesses documentos, comprova-se a existência das lápides no interior desta igreja, com os diferentes locais do enterro ditados pela posição econômica do morto.



Aos vinte e quatro dias do mez de novembro do anno de mil oitocentos e quarenta faleceo de maligna Eulália, com idade de oito mezes, filha legitima de Manoel da Cunha Bitencurt, e S. Josefa Carolina Bitencurt, brancos. Foi encommendado solemnemente pelo Reverendo José Pinto d'Almeida, e mais dous sacerdotes, e sepultada nesta Matriz do Santíssimo Coração de Jesus. E para constar faço este assento.

O Vigr.º Encomm.º José Joaquim de Campos (folha 12).

Aos oito dias do mez de junho do anno de mil oitocentos e quarenta e tres falleceo de dropezia Agostinho, com idade de quatorze annos, pardo, filho legitimo de José Antonio, e de [ilegível] Victoria, sem os sacramentos. Foi encomendado pelo Reverendo Coadjutor José Joaquim Vasconcellos, gratuitamente por ser pobre, e sepultado no Cemitério desta Matriz do Santíssimo Coração de Jesus. E para constar faço este assento.

O Vigr.º Encomm.º José Joaquim de Campos (folha 25).

O cemitério existente no lado de fora, localizava-se ao fundo da igreja, onde hoje se encontra um jardim (figura 05). Esse jardim foi construído em 1905, conforme o registro escrito por Padre Philadelpho Jonathas de Oliveira no Livro de Movimento da Igreja, que descreve o fim dos enterramentos nesse local e a substituição pelo jardim. O livro dá conta ainda que nesse cemitério eram enterrados tanto pessoas pobres, quanto escravos enviados pelos senhores de engenho. Era prática comum a família abandonar o cadáver em frente da igreja para conseguir alguma purificação, sendo enterrado no terreno dos fundos, sem direito a missa, nem cerimoniais, mas de toda sorte, em espaço sagrado. O livro ainda descreve o enterro de alguns senhores de engenho, na igreja de suas terras e o quanto a Igreja recebia pelo cerimoniais.



Figura 5 - Antigo cemitério re-significado. Igreja Sagrado Coração de Jesus – Laranjeiras.
Foto: Solimar G. M. Bonjardim, 2006.

De todas as igrejas estudadas, a Igreja Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba é a mais antiga e entre todas as existentes no município é a de maior representatividade. Como já exposto, este templo foi construído pelos jesuítas no início do século XVIII e está localizado pouco distante do centro urbano. Existe uma lenda sobre a existência de um túnel saindo da igreja até a Gruta da Pedra Furada, para fuga em caso de ataque dos holandeses.

Na atualidade, a comunidade utiliza este templo como “abrigo” de um projeto comunitário. Crianças de ambos os sexos e jovens frequentam o lugar de duas a três vezes na semana com a finalidade de ensaiarem para a banda ou para o grupo de dança ou, ainda, aproveitam o espaço para o lazer. Elas brincam, correm e têm o espaço como ponto de encontro. O projeto mantém uma biblioteca, na parte superior do templo, que as crianças utilizam para pesquisa e também como local de estudo. A missa é realizada uma vez por ano ou quando há algum evento importante. Na verdade, constatou-se que não são somente católicos que frequentam o espaço, mas também pessoas de outras religiões.

A igreja não tem vizinhos próximos, o que facilita a utilização de seu espaço. A zeladora também é diretora do projeto e mantém a igreja aberta para eventuais turistas. Os católicos que moram nas proximidades frequentam a Igreja Matriz, pois para os

moradores essa representa um espaço do projeto de inclusão de jovens, sendo igreja em segundo plano.

No interior da Igreja da Comandaroba foi encontrado o maior número de sepulturas visíveis (figura 06) dentre as duas cidades. São ao todo dez lápides, sendo que apenas uma não está identificada. As sepulturas estão espalhadas por toda a igreja, duas no altar-mor, seis bem próximas ao altar, uma no fundo e outra na porta lateral esquerda. O cemitério existente localiza-se nos fundos do templo, em propriedade particular e, por isso, ainda utilizado para sepultamento de pessoas da família. De acordo com informações dos moradores, algumas missas são realizadas durante o ano por empenho dos proprietários da fazenda.



Figura 6 - Interior da Igreja da Comandaroba em Laranjeiras. Território da morte re-significado. Local onde se abriga o projeto de inclusão social de crianças e jovens (Autoria: Solimar G. M. Bonjardim, 2008).

Já a Igreja do Senhor do Bonfim, erguida no século XIX, pertencia à Irmandade do Bonfim e somente seus membros a frequentavam em vida ou nela permaneciam após a morte. Ela está localizada na colina azulada, assim denominada por ser a mais alta do centro urbano, de fácil visualização por todos os fiéis, independente de onde eles estiverem. Segundo Silva e Nogueira (2007), o que chama atenção na igreja é a

plasticidade própria da relação entre a Igreja e a colina, pontuando no céu a representação do poder de Deus na terra.

No interior do templo não foram identificadas sepulturas, mas o livro de registros da Matriz dá conta de uma pessoa que foi “*enterrada na Igreja do Bonfim*”, diferentemente de outros relatos que dizem “*enterrada no cemitério do Bonfim*”. Como essa igreja passou por um grande incêndio, tendo seu interior todo destruído, acredita-se que o piso tenha sido restaurado e as sepulturas ainda estejam abaixo dele.

O cemitério existente nessa igreja ainda está em funcionamento, localizado no pátio do fundo, contudo poucas pessoas são ali enterradas, principalmente porque precisam pertencer à Irmandade, fato raro na atualidade. Na atualidade, a Irmandade não realiza missas ou mesmo frequenta a Igreja. Ela é aberta toda manhã pelo zelador, funcionário do município. Embora as missas sejam realizadas apenas por ocasião de festividades ou no dia de Finados, é desta Igreja que vêm os anúncios de falecimento com o tocar do sino. Hoje é vista como ponto turístico do município.

Outra igreja, localizada a trezentos metros da Matriz, a Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Pardos, teve sua construção iniciada no século XIX pela Irmandade dos Homens Pardos. Segundo consta na história do município, ela estava inacabada até a visita de Dom Pedro II à cidade, em 1860, quando o Imperador doou uma quantia para finalização do templo.

Desde janeiro de 2008, a Igreja está fechada para reforma, porém até então o templo só funcionava pelas manhãs, quando a antiga zeladora abria para limpeza ou quando era agendada alguma visita de turistas. Missas são raramente realizadas, pois pela proximidade, os fiéis acabam frequentando a Matriz. No interior da igreja, encontram-se quadro lápides, próximas ao altar, no piso do corredor de acesso e sob os bancos, além de uma urna funerária, ao lado esquerdo da entrada principal.

A última igreja pesquisada, Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, foi construída pela Irmandade dos Homens Pretos, na mesma colina da Igreja do Bonfim, porém não na mesma direção. A Igreja da Irmandade do Bonfim está no topo da colina e a da Irmandade dos Homens Pretos, no meio dela.

De características simples, o templo dos pretos não possui torre, pois essa não passou de projeto. Em seu interior bem mais modesto não foram identificadas lápides, mas de acordo com relatos, antigamente elas existiam, principalmente no corredor do

lado direito do altar. O cemitério ao redor não existe mais, embora antigamente se localizasse na subida do morro, onde hoje há o fundo da igreja e algumas casas. O cemitério desapareceu com a chegada de moradores no local.

Considerações Finais

Portanto, percebe-se que a paisagem arqueológica nas cidades de São Cristóvão e Laranjeiras é formada por casarões, igrejas antigas, pelo calçamento das ruas, pelo formato da cidade, formas que perderam a principal função. Em São Cristóvão as rugosidades estão concentradas principalmente na cidade alta; em Laranjeiras os casarões, trapiches e teatros abandonados situam-se na cidade baixa e os templos destacam-se nas colinas que circundam a cidade. Todavia, por mais que se veja o espaço antigo, o território visível da morte há muito foi destruído.

Na atualidade, os territórios da morte são os cemitérios construídos nos moldes das normas higienistas⁵ (em local alto, bem ventilado, murado, etc.). Tanto em São Cristóvão quanto em Laranjeiras, os cemitérios foram construídos fora do espaço urbano, porém, hoje eles já foram incorporados à atual malha urbana. Os dois cemitérios apresentam uma capela no centro para orações, na mesma disposição espacial em que se encontravam as igrejas, isto é, o templo no centro e o cemitério ao redor. Essa mesma simetria espacial justificava-se porque o território da morte precisava estar localizado dentro do espaço sagrado.

Todavia, para chegar a essa paisagem, muito aconteceu. Desde os hominídeos até os dias atuais, a paisagem passou por transformações espantosas, porém, toda transformação deixa rugosidades. A paisagem da morte se formou quando a Religião católica e o Estado se uniram, deixando de existir por dois fatores: por causa das teorias miasmáticas⁶ e da separação Estado-Religião.

Na época da construção da paisagem, na colonização do Brasil, o português trouxe muito de seus costumes mortuários, herdados da Era Medieval. O modo de

⁵ As normas higienistas era um conjunto de regras que regularizavam a construção de cemitérios, pois se não fossem seguidas o cemitério não poderia funcionar.

⁶ As teorias foram criadas para explicar a causa de constantes surtos epidemiológicos que atingia grande parte da população. As teorias diziam que se deveria afastar do convívio diário da população cemitérios e matadouros, pois esses eram locais que transmissão de doenças. Devido a divulgação das teorias miasmáticas, foram escritas as normas higienistas.



representar a morte do cristão medieval era pleno de rituais e etapas obrigatórias, como se esse homem tivesse desejos pela morte e quisesse vivê-la plenamente. A morte era muito significativa, o último e mais importante ato da vida. Era nesse momento que o morto e sua família mostravam o seu poder, sua devoção religiosa. Quanto mais rituais estivessem presentes nesse ato, mais importante era o morto e melhor o lugar onde sua alma iria aguardar o juízo final. Por isso o espaço das cidades era repleto de signos da morte, construindo um território da morte visível. A Igreja, colocada como a única capaz de encaminhar a alma, impunha suas leis de enterramento em espaço sagrado.

Os territórios da morte começaram a ser destruídos no Brasil, principalmente com o fim do atrelamento Estado-Religião, diminuindo o poder da Igreja Católica, fato que gerou a identificação atual dos signos da morte como rugosidades na paisagem, uns mais perceptíveis que outros. Com o fim da sociedade que construía a paisagem da morte, os rituais que eram praticados nos espaços dos cemitérios e igrejas deixaram de existir ou mesmo que se transformaram.

A paisagem arqueológica da morte das cidades estudadas existe somente enquanto templos e túmulos. Por mais que muita coisa tenha sido destruída, muito ainda existe e uma pesquisa na história sobre o porquê da paisagem logo revelou o visível. Todavia, o invisível não é tão facilmente desvelado, o que está escondido não é percebido nem pelos observadores, nem pelos moradores.

Nesse sentido, o que se percebe nas cidades de São Cristóvão e Laranjeiras, em Sergipe, é que a existência da paisagem antiga e das rugosidades influenciou na vida da sociedade de várias formas, no processo de observação percebeu-se uma continuidade representativa da morte, na prática de rituais que mantém a forma, mas hoje não tem a função. Como levar o corpo para a Igreja, a necessidade da população em velá-lo nesses templos, a necessidade de anunciar a morte com o bater dos sinos, a obrigatoriedade do padre para a oração final, a necessidade da fogueira, do cortejo andar pela cidade, etc. Todos esses atos invisíveis no espaço nos remetem à época dos enterramentos santos, que aconteciam dentro das igrejas e ao redor delas. Todavia, hoje não são vistos como formadores de uma paisagem da morte, nem como representação desta. Nas entrevistas constatou-se que esses gestos são traduzidos como parte do ritual, mas não sabem explicar porque é necessário realizá-lo. Mas é essencial que existam, como se o caminho do morto fosse interrompido sem eles. O que se observou foi os rituais como



sagrados, como parte da cultura. Aqui se observou que não somente católicos seguem esses rituais, mas também pessoas de outros credos.

Com relação ao visível, os moradores, frequentadores e gestores dos templos quando arguidos sobre o que representa a paisagem são unânimes em responder que ela é antiga, velha, histórica. Isto é, hoje a paisagem das igrejas é histórica, tombada como patrimônio público histórico. A paisagem é histórica, mas não representa para a sociedade atual a morte, nem mesmo a presença das lápides traz essa representação.

Assim, verificou-se que existe uma paisagem da morte nestas cidades setecentistas, uma visível e outra invisível. A visível é constituída pelas Igrejas, lápides e cemitérios ainda existentes. A invisível engloba tudo que está encoberto ou re-significado (lápides, cemitérios, rituais).

Enfim, conclui-se que o território da morte mudou de local, enquanto enterramento, mas as representações da morte, formadoras do território invisível, ainda existem, mesmo que não entendidas como tal. Porém, é necessário esclarecer que cada vez mais estas estão caindo no desuso. Parece-nos que as re-significações vêm acontecendo numa velocidade tão intensa, que mesmo a paisagem, em alguns anos, não dará conta de segurá-las.

Referências

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORREA, R.C.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis E. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.92-123.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. Revista Estudos Geográficos, Rio Claro, v. 2, n. 1, Junho 2004.

IPHAN. Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Modulo I, vol. 01, São Cristóvão/Sergipe.

IPHAN. Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Modulo I, vol. 05, São Cristóvão/Sergipe.

IPHAN. Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Modulo I, vol. 07, Laranjeiras/Sergipe.



IPHAN. Livro de tombamentos. Processo de número: 0303-T-41. Livro histórico inscrição nº184, datado de 29-12-1941. Livro de Belas Artes, inscrição nº 251-A, datado de 29-12-1941. Convento e Igreja de Santa Cruz (São Cristóvão, SE) ou Convento e Igreja de São Francisco.

LIVRO DE MOVIMENTO. Igreja Sagrado Coração de Jesus. (1840-1968).

OLIVEIRA, V. S. & MENESES, V. M. A festa do Rosário dos homens pretos na cidade de São Cristóvão (SE). In: Cadernos de História, vol. IV, n. 2, ano 2, pp. 14-24, setembro de 2007.

ROMÃO, Andrea. São Cristóvão. In: PESSÔA, José; PICCINATO, Giorgio (Orgs). Atlas dos Centros Históricos do Brasil. Casa da Palavra: Brasil, 2007. p. 172-177.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTANA, Pedro Abelardo de. Da Bahia a Pernambuco no século 16: Viagens Entre Dois Pólos da Colonização do Brasil. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, Serviço Social do Comércio, 2003.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1997.

SILVA, Eder Donizetti da; NOGUEIRA, Adriana Dantas. Lançando um Olhar sobre o Patrimônio Arquitetônico de Laranjeiras. In: NUNES, V.M.M.; NOGUEIRA, A.D. (orgs). O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007, p. 37-97.

TROLL, C. A paisagem geográfica e sua investigação. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-7, 1997.

Recebido para publicação em setembro de 2010

Aprovado para publicação em março de 2010